

OS AGRADECIMENTOS DE UMA TESE DE DOUTORADO: RETÓRICA E ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Camila Cesário Lérco¹

Doutoranda em Língua Portuguesa pela PUC-SP

Kathrine Butieri²

Doutoranda em Língua Portuguesa pela PUC-SP

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar uma possível aproximação entre a retórica e a análise dialógica do discurso, e como o gênero retórico epidítico guarda uma dialogicidade interna, na medida em que abriga em seu interior o encontro de vozes sociais. Servindo-se do *corpus* representado pelo discurso da seção de “agradecimentos” de uma tese de doutorado brasileira premiada pela Capes em 2017, contemplamos os estudos bakhtinianos e aristotélicos. Desse modo, constata-se que esse discurso, embora se enquadre no gênero epidítico, tendo uma função de louvor ou censura, característica básica desse gênero segundo Aristóteles, inova e vai além disso ao se sustentar no dialogismo, de modo a mover o auditório do lugar da contemplação à ação, algo que só é possível devido às relações dialógicas que esse discurso instaura.

Palavras-chave: Retórica. Gênero epidítico. Análise dialógica do discurso. Tese. Agradecimentos.

Introdução

Em trabalhos acadêmicos— principalmente nos de término de curso, como monografias, dissertações e teses —, os agradecimentos servem, normalmente, para expressar gratidão a pessoas ou instituições que contribuíram direta ou indiretamente para a pesquisa. O estudante/pesquisador dedica à sua trajetória de estudos meses e até anos, os quais, na maioria dos casos, são regados a paciência e apoio dos que o cercam,

¹ Endereço eletrônico: camila.lerco@gmail.com

² Endereço eletrônico: katbutieri@gmail.com

pois há uma mudança brusca nas atividades cotidianas quando se dispõe à “vida acadêmica”.

Embora o elemento “agradecimentos” não seja obrigatório pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) na composição principal de um trabalho científico, visto que é um elemento pré-textual, a maioria das teses, das dissertações e de outros trabalhos o traz, mostrando reconhecimento aos que ajudaram na superação das adversidades durante a sua custosa fase de produção, como orientadores, professores, grupos de pesquisa, instituições, parentes, amigos, órgãos de apoio ao desenvolvimento técnico, financeiro, moral ou religioso.

De acordo com Hayashi (2018), os agradecimentos, às vezes relacionados apenas marginalmente aos principais objetivos acadêmicos, são uma prática não reconhecida, como um gênero “Cinderela”, negligenciado por muitos. Todavia, constituem uma oportunidade oferecida ao pesquisador para apresentar-se pessoal e academicamente. É um gênero de ordem subjetiva e social desvinculado das convenções da linguagem técnica acadêmica. Assim, vão além de uma simples declaração. Na perspectiva do discurso científico, podem esclarecer a negociação que o autor da tese/dissertação estabelece com o leitor e os demais envolvidos no texto, seu norte valorativo e a construção de seu *ethos*.

Ao examinarmos os agradecimentos como um ato retórico, os valores, crenças, opiniões do orador estarão presentes em uma hierarquização do dizer. Desse modo, o *ethos* desse orador terá maior ou menor impacto persuasivo de acordo com o seu poder discursivo e seu lugar oratório. Podemos identificar, portanto, dois tipos de *ethos* em um mesmo trabalho acadêmico: o *ethos* do pesquisador (institucional) e o *ethos* da experiência individual (pessoal). A pesquisa acadêmica, tese, por exemplo, revela um *ethos* do pesquisador influenciado por suas escolhas teóricas, experiências científicas e epistemológicas, enquanto que os agradecimentos indicarão um *ethos* que envolve a personalidade sensível do pesquisador em sua trajetória para alcançar seus objetivos.

Mas, afinal, quem é o orador dos agradecimentos? E qual é o seu lugar oratório, isto é, seu lugar de fala? Podemos entender que a oradora, no *corpus* em análise, se vale de vozes sociais que instituem posicionamentos e relações dialógicas para instaurar, assim, o gênero epidítico, ocupando um lugar da memória. Na abordagem retórica, o lugar mnemônico é denominado de *tópos*, ou *topoi* (plural de *tópos*), que diz respeito ao que um grupo ou um coletivo aceita como válido.

A despeito da palavra “doutor”, com a empáfia comum que persiste até os dias atuais imposta aos grupos desfavorecidos, e, ainda, por trás do termo historicamente conhecido, como diz o antropólogo Roberto DaMatta na obra *Carnavais, malandros e heróis*, a expressão “você sabe com quem você está falando?” é dispensada no tratamento da oradora no *corpus*, uma vez que ela se coloca, ao contrário, no lugar brando de uma eterna aluna que valoriza mais o processo de aprendizagem do que o título que está prestes a ostentar. Desse modo, ela abre mão do “discurso autorizado” de um grupo privilegiado e bem-sucedido, preferindo o discurso da simplicidade dos afetos, contrariando, portanto, o discurso dominante.

Essas considerações nos remetem ao objetivo deste trabalho: investigar sob a perspectiva do diálogo entre a pragmática retórica e a análise dialógica do discurso (ADD) os agradecimentos de uma tese de doutorado que foi premiada pela Capes em 2017. Estamos certas de que o discurso dos agradecimentos de *A tutela jurídica da liberdade acadêmica no Brasil: a liberdade de ensinar seus limites é o alicerce de questões importantes do ponto de vista da relação entre essas duas frentes teóricas do estudo da linguagem*, uma vez que essa tese deixa ver um modo extremamente particular como a autora nela se coloca e lida com as vozes que ali se apresentam. O seu modo de dizer e sua maneira eficiente de dialogar, em um gênero retórico, com outras posições avaliativas é o que estabelece sua marca de autoria.

Nesse sentido, os agradecimentos em tela, não parecendo convencionais, deixam entrever como a autora constrói um discurso que, embora se enquadre no gênero epidítico, com uma função de louvor, vai além disso ao se sustentar no dialogismo, mostra a interação com outras vozes e pensamentos para discutir o seu de modo a fazer seu auditório aderir à sua causa. Para tanto, somos norteadas pela busca de resposta para a seguinte questão: Os agradecimentos, sendo considerado um gênero epidítico, podem guardar uma relação dialógica?

Pistori, em “Retórica, argumentação e análise dialógica do discurso” (2019), destaca que tanto a retórica quanto a ADD lidam com “comunicações discursivas”, consideradas por ela como “ações situadas cultural, histórica e socialmente” em que “os sentidos se constroem [...] por meio de relações dialógicas, sempre avaliativas, visto que os enunciados expressam posicionamentos” (p. 266) dos envolvidos no ato comunicativo. Para ela, apoiando-se também em Fiorin (2015), que reitera o caráter inerente do dialogismo a todo discurso e a importância de considerar a retórica e a

argumentação na atualidade segundo esse princípio, a análise dialógica do discurso é um desdobramento da retórica na medida em que afirma que já na segunda havia certa compreensão de discurso, isto é, da língua em funcionamento, como a preocupação com gêneros, interlocutores e pontos de vista, temas e finalidades do discurso, embora ela não escapasse do monologismo autoritário que propunha.

Nessa esteira, sabendo que os estudos linguísticos da contemporaneidade são herdeiros da antiga retórica e que já na época de Aristóteles se falava de língua e situações de uso, temos que foi apenas no século XX, a partir dos fundamentos de Saussure sobre língua e linguagem, que foram rediscutidos por estudiosos ao longo do período, que o discurso realmente entra na ordem do dia.

Um desses estudiosos é Mikhail Bakhtin, além de membros de seu Círculo, que, na Rússia dos anos de 1920, a partir do entendimento do caráter monológico da retórica e a partir da concepção linguística tradicional saussuriana, começa a pensar a linguagem para além de si mesma, indo ao extralinguístico para explicar seus fenômenos e considerando o outro como parte da sua constituição.

Por fim, acrescentamos a essas considerações iniciais mais duas partes: na primeira, levantamos alguns aspectos pertinentes à caracterização do gênero epidítico; na segunda, verificamos a dialogia presente nos agradecimentos. As considerações finais sintetizam os principais achados.

O gênero epidítico e os agradecimentos

A divisão da retórica em gêneros está relacionada à atuação das provas retóricas e sua eficácia no discurso. Aristóteles diferenciava os três gêneros retóricos por meio de três critérios: de acordo com a postura receptora do auditório, a situação comunicativa e as ações de linguagem realizadas pelos oradores. Partindo dessa divisão, o discurso epidítico pode ser descrito da seguinte maneira: postura receptora de contemplação, situação comunicativa de festa ou espetáculo, ação de linguagem de elogio ou repreensão (GUMBRECHT, 2003, p. 95).

No entanto, uma ambiguidade nessa classificação foi apontada por Quintiliano e criticada como incoerente, rígida, pois um discurso epidítico deve ser apenas elogioso?

Não poderá igualmente respeitar outros fins? Será que, num elogio, não poderíamos falar também sobre o que é útil e justo? Observamos uma mistura cada vez mais frequente desses gêneros na sociedade atual, bem como uma autonomia nas ações de linguagem.

Nesse sentido, destacamos neste trabalho que compartilhamos o pensamento de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) de que o gênero epidítico não trata apenas de louvação, mas também de argumentação, pois modifica um estado de coisas preexistente e, ainda, permite moldar os sentimentos e os valores do auditório para promover coesão. Como há nesse gênero apelo ao belo e, logo, certa associação ao prazer, que agrada o público, pode ser essa uma das razões de sua eficácia.

Essa perspectiva nos leva a considerar que o estagirita, na pragmática retórica, considera a contemplação como postura adequada à recepção do gênero epidítico, pela situação comunicativa do discurso solene ou teatral que é relacionado às categorias de belo/feio, bom/mau, não geradoras de novas ações imediatas.

Vale lembrar que o “belo” na filosofia grega é algo que pode ser percebido pelos sentidos, isto é, faz parte da estética (*aisthētikē*), de maneira que o “agradável” e o “belo” estão inseridos em uma área específica dos estudos filosóficos considerada o extremo oposto do conhecimento lógico-matemático da razão. Esse tema foi discutido pelo filósofo alemão Immanuel Kant e até hoje está no centro dos estudos das condições da percepção pelos sentidos que consideram que há aspectos universais na avaliação estética dos indivíduos.

Nessa linha, os valores são socialmente partilhados e a busca pela beleza levará em conta o contexto histórico-social do homem. A todo momento estamos avaliando e julgando se algo é bom, justo ou correto e, a partir disso, orientamos nossas ações ou as ações do outro. O discurso dos agradecimentos em análise, por exemplo, busca coesão com valores comuns da prática do bem social, tais como: a honra, a conquista, o elogio, entre outros que compõem a virtude na retórica aristotélica.

Assim, tratando esse discurso como gênero epidítico tendo em vista os três critérios do sistema aristotélico mencionados, temos:

Quadro 1- Descrição retórica do gênero epidítico nos agradecimentos

Sistema aristotélico do gênero epidítico	“Os agradecimentos” na tese de
---	---------------------------------------

	doutorado
Postura receptora: contemplação	Conceito mais amplo que transcende a contemplação, pois direciona, também, para a ação conforme o auditório.
Situação comunicativa: festa (ou espetáculo)	Finalização de uma etapa acadêmica com o objetivo de haver harmonia entre os participantes do discurso no universo da <i>doxa</i> . Direciona para a coesão das ideias, reforça a adesão do auditório e, também, surpreende em busca da persuasão.
Ação de linguagem: elogio ou repreensão	O orador privilegia valores comuns e busca cumprir a função estética de agradar e emocionar o auditório. É o momento em que o orador constrói um <i>ethos</i> .

Fonte: elaborado pelas autoras (2020).

Outro ponto que reforça nossa tese de que o gênero epidítico exige mais que contemplação do auditório, em concordância com os estudos de Gumbrecht (2003, p. 97), é o de que “os discursos pragmático-epidíticos são, aparentemente, ‘sem função’ devido à impressão da identidade entre o saber dos falantes e dos ouvintes”. Existe, portanto, uma aproximação do auditório com o orador, sendo o orador, nesse tipo de discurso, uma figura central, que busca construir uma imagem positiva de si para garantir a legitimidade e principalmente a eficácia de seu projeto de dizer.

Desse modo, no discurso dos agradecimentos analisado, o *logos* se transmuta no *pathos* e estimula os sentimentos de solidariedade, amor, generosidade, amizade e gratidão do auditório. Nesse caso, a oradora provoca tais sentimentos de maneira a reforçar e amplificar a adesão daqueles que já a admiram e ganhar a atenção de outrem, que pode vir a admirá-la. Nota-se, então, o poder da oradora em um discurso apaixonante, a formação de um *ethos*, por meio da retórica da brandura e da projeção de pelo menos três auditórios diferentes: acadêmico, não acadêmico (colaboradores da oradora, como: familiares e amigos) e público em geral.

Então, o *ethos* desse discurso adquire um lugar central e busca as emoções de um “fazer-sentir”, sendo que o *logos* desse mesmo discurso também é transmutado em um *pathos*, o que gera uma identificação com o auditório que é maior que a de mero espectador – ele sente-se surpreendido pelo dizer da oradora, pois ela contraria um discurso autorizado de “doutora”. Algo que se distingue, também, do gênero epidítico em que o orador é uma pessoa distinta que está empenhada em cumprir a missão que lhe

foi confiada: prestar e explicitar os valores compartilhados pela comunidade e promovê-los com um tom *docere*, ao contrário disso, a oradora ocupa um lugar de eterna aluna sempre em formação apaixonada por suas descobertas.

Reiteramos que a intensidade da reação provocada no auditório é proporcional ao poder que a oradora imprime ao seu discurso epidítico no *corpus* escolhido. Ao se colocar em posição de eterna aluna em detrimento à de pesquisadora formada, ela se reduz para que o auditório se eleve, se inspire e seja motivado por suas palavras. As imagens articuladas em *topoi* geram lembranças que consideramos comuns, porém o valor da experiência na trajetória da oradora remete à singularidade dos acontecimentos, que não são apenas um lugar de passagem, mas um lugar de memória que significa, persiste e ressignifica.

Como gênero epidítico, os agradecimentos em destaque apelam a valores comuns, afirmam valores, sugerem uma conduta, difíceis de serem contestados, em razão de sua funcionalidade de não gerar conflitos. O elogio, neste caso, fornece modelos de virtude para admirar e imitar, como uma espécie de conselho e não apenas de lisonja. O auditório movido pelas palavras doces da oradora é convidado, implicitamente ou não, a seguir o modelo de excelência proclamado. Mesmo quando parece que eles já atuam como devem, o discurso funciona como um lembrete, encorajando-os a não esquecer e continuar na direção certa.

A necessidade da aproximação teórica entre a retórica e a análise dialógica do discurso também ocorre nos estudos do pesquisador bakhtiniano, professor da Universidade de Pittsburgh, Don Bialostosky, ao defender que as atividades discursivas devem ir além do que Aristóteles preconizava: retórica ou dialética. Segundo o autor, Aristóteles declarava que quando estamos preocupados com o discurso dialético, não consideramos quem detém a tese e quem precisa ouvi-la, pois apenas nos preocupamos com relações lógicas entre outras teses, assim como, quando estamos preocupados com o discurso retórico, subordinamos as implicações lógicas e os fundamentos destas teses às crenças de uma determinada audiência e a moldar seus julgamentos. Assim, a dialética está voltada à tese enquanto que a retórica está voltada à pessoa.

Nesse sentido, o autor defende que Bakhtin não separa a tese da pessoa, ao contrário, as ideias devem ser articuladas entre ideias e pessoas, nossas próprias ideias e as dos outros. Bialostosky (2016) destaca “In his chapter (The Idea in Dostoevsky), Bakhtin declares that in Dostoevsky’s art the image of na Idea is inseparable from the

image of a person, the carrier of that Idea”(p.20), isto é, a ideia se desenvolve quando entra em relações dialógicas com outras ideias.

Bialostosky conclui que a dialética diz respeito às relações impessoais entre termos, independente dos que mantêm relações de confirmação e contradição, antítese e síntese, e assim por diante. A retórica diz respeito às relações de acordo prático e desacordo entre pessoas, relações que podem ser realizadas, apesar das diferenças ideológicas, na formação de consensos entre interesses e partidos divergentes. Dialógica refere-se às relações entre pessoas que articulam suas ideias em resposta umas às outras, descobrindo suas afinidades e oposições mútuas, suas provocações para responder e seus desejos.

O dialogismo e os agradecimentos

O enunciado, conforme o pensamento bakhtiniano, traz em si o caráter dialógico da linguagem, pois pressupõe uma compreensão responsiva do ouvinte, e seus efeitos de sentido são analisados no contexto de enunciação. Uma vez que a comunicação discursiva só se realiza no uso prático da linguagem, o enunciado, como sua unidade, ganha concretude na interação entre seus elementos constituintes, como seus participantes e a situação extraverbal que o envolve, tornando-se, desse modo, enunciado concreto. Não se trata de ter em vista apenas o aspecto funcional e sistemático da linguagem, mas também seu caráter extralinguístico, o qual é sua parte constitutiva. Nesse sentido, deve-se ir além da palavra, não abandonando-a, evidentemente, mas ir à sua exterioridade para apreender os elementos que a rodeiam, de modo a compreender seu sentido.

Assim como o signo, a palavra e o enunciado também possuem natureza ideológica, isto é, marcam posicionamentos valorativos, uma vez que colocam em interação dois ou mais sujeitos, cada um deles com seu norte axiológico. Assim, o produto da linguagem é algo inteiramente social que depende do outro para efetivamente se realizar e instaura relações dialógicas com esse outro, tais como acordos e desacordos.

Dessa maneira, os agradecimentos em análise, como produto da enunciação concreta de um sujeito que constrói seu discurso em contato com o outro, são um convite para se pensar essas possíveis relações.

As relações dialógicas constitutivas do dizer da pesquisadora/autora no discurso dos agradecimentos buscam negociar sentidos que emanam do diálogo com o tipo de interlocutor a quem ela dirige seu dizer: o leitor presumido (público acadêmico e não acadêmico, como orientador, amigos, familiares, instituições, pessoas em geral) e o outro do discurso citado. No primeiro caso, ela agradece às pessoas que teriam feito parte de seu percurso acadêmico, sendo o enunciado dos agradecimentos uma resposta positiva a essas pessoas. Segundo a teoria bakhtiniana, há uma cadeia de enunciados que estão sempre em contato e que seguem o princípio da responsividade discursiva, ou seja, eu sempre respondo a alguém e meus enunciados são respostas a algo e pedem respostas, sucessiva e infundavelmente. A própria forma do enunciado agradecimentos de uma tese (“agradecer algo a alguém”) contribui para a constituição desse movimento responsivo.

No segundo caso, a autora inclui o discurso citado no interior do seu discurso para apoiar seu ponto de vista. Observamos que ela utiliza a voz do outro em seu enunciado para fundamentar seu posicionamento sobre a marca que as pessoas com quem teve contato durante sua jornada de estudos deixaram nela e que por isso precisam ser saudadas/exaltadas em um discurso de agradecimento. Uma prova disso é o trecho citado por elado escritor João Carrascoza que menciona as marcas que as pessoas deixam em nós no tempo (“todas essas vidas, Bia, [...] deixaram uma marca”),evocando a efemeridade da vida, o sentimento da ausência e o ciclo de vida e morte,em que a escrita se mistura com as diversas vidas ali presentes.Nesse caso, portanto, a autora usa o discurso citado/alheio como argumento para compor sua enunciação. Bakhtin (2010) afirma que, na comunicação discursiva, o enunciador sente e emprega as palavras retiradas dos lábios de outrem. Elas vivem na fronteira de, pelo menos, duas consciências, dois sujeitos. Nada mais coerente para um pensamento filosófico que entende que viver numa zona fronteira é próprio do ser humano, como condição de sua constituição: “O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro” (BAKHTIN, 2003, p. 341).

Se, conforme Volóchinov, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, de 1929, “O ‘discurso alheio’ é o *discurso dentro do discurso*, o *enunciado dentro do enunciado*, mas ao mesmo tempo é também o *discurso sobre o discurso*, o *enunciado sobre o enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249, grifos do autor), então temos que a natureza

dialógica da linguagem está no contínuo encontro de discursos e enunciados e, portanto, de valores e pensamentos, próximos ou distantes no tempo. Nesse sentido, como não existe enunciado e discurso sozinhos, e sim uma cadeia deles em cruzamento, como dissemos, o discurso que recupera outro discurso pressupõe o alheio como condição de sua existência, entrando com ele em uma luta tensa e viva.

Assim, a autora inclui em sua enunciação o enunciado do escritor Carrascoza como forma de defender o seu ponto de vista com o ponto de vista alheio. Ao empregar a voz do outro, ela demonstra reverência, admiração e cumplicidade, aproximando-se dos valores e pensamentos do escritor. Vejamos:

Três anos depois, haveria de me lembrar daquele dia e do que João escreveu. Era maio de dois mil e quinze, cinco e quinze da manhã. O céu transmutando-se num amarelo definitivo, que emprenhava a casa já aberta. A página do Caderno dividindo o espaço no traveseiro com a geleia de amora, o café escorrendo pelas bordas: “todas essas vidas, Bia, vindas de outras igualmente precárias, e que um dia pareceram plenas, há pouco ou há muito partidas, deixaram uma marca, quase invisível, no livro dos destinos, marca que o tempo haverá de derreter com seu ácido; essas vidas todas, te agrade ou não, correm, desordenadamente, dentro de ti, Bia, não há como secar em nós o licor da história”. Senti uma alegria imensa por ser João [...] (TRAVINCAS, 2016, p. 5).

Ao utilizar em seu lugar enunciativo o discurso de João, a autora assume-o como seu, ainda que vejamos a separação clara de vozes, com as aspas que marcam o discurso do escritor e a autoria marcada. Ela entra em concordância com o escritor, complementando e reforçando seu discurso com a palavra dele, em um jogo de memória partilhada que diz respeito ao encontro ao longo da vida com pessoas que de alguma forma nos alteram, nos marcam, como aquelas que passaram pela vida da autora durante o processo de escrita da tese. Dessa maneira, ambos os discursos tendem para uma fusão, a autora se torna, por fim, João (“Senti uma alegria imensa por ser João”) ao citar a palavra do outro em seu discurso. As palavras alheias se transformam em suas próprias, porque são preenchidas com a sua intenção, isto é, são assimiladas e reelaboradas em busca de um sentido próprio.

A autora vai empregar essa outra voz como um discurso que Bakhtin chama de “objetificado”, fundamentando e defendendo uma posição valorativa com a qual concorda. Assim, o contexto da autora e da voz alheia não entram em conflito, antes

estão em sintonia. O contexto da autora não altera o sentido do discurso citado, nem lhe troca o tom, aliás os dois mantêm o tom poético.

Nos termos assim colocados, entende-se que, quando se lança mão do discurso citado, se realiza um ato de apreensão valorada da palavra de outrem, como nos lembra Faraco (2009, p. 140), quando afirma que “[...] reportar não é fundamentalmente reproduzir, repetir; é principalmente estabelecer uma relação ativa entre o discurso que reporta e o discurso reportado; uma interação dinâmica dessas duas dimensões”.

Nessa direção, é possível destacar nos agradecimentos pelo menos mais um caso de uso pela autora de discurso citado como argumento para defender seu projeto de dizer. No trecho a seguir, notamos entre aspas palavras alheias que ela emprega para ajudar a defender sua perspectiva e a de João sobre os encontros da vida.

Com João também estiveram Lina Meruane, Diego Marani, Andrés Neuman, Raduan Nassar, Elvira Vigna, Juan Pablo Villalobos, Inês Bortagaray, Mallo, David Toscana, Quiroga e tantos outros. O mesmo vale para a Bethânia. É ela que, tendo diariamente feito quadrilha dos meus deveres, permite hoje a sentença: “a prudência dos sábios/nem ousou conter nos lábios/o sorriso e a paixão” (TRAVINCAS, 2016, p. 5).

Nota-se, pela construção do enunciado, que as palavras “a prudência dos sábios/nem ousou conter nos lábios/o sorriso e a paixão” podem ser facilmente atribuídas à Bethânia, amiga da autora. Também vemos uma separação clara entre o discurso citante e o discurso citado por causa das aspas, visto que a autora deseja marcar que as palavras que emprega não são dela. Assim, como o exemplo anterior, trata-se de um discurso citado objetificado, já que a autora toma o discurso direto do outro cuja orientação é próxima da do seu discurso para compor seu desígnio de criar um agradecimento de forte apelo emocional.

Nesse sentido, o contexto narrativo da autora encarrega-se de manter o todo compacto do discurso citado, mantendo suas fronteiras, em uma relação dialógica de afirmação/argumentação em que o discurso citado está subordinado a uma única consciência. E, servindo à função de exaltação do gênero epidítico, esse discurso vai além, recorrendo ao *pathos* do auditório e construindo o *ethos* da aluna comedida em formação que tem muito a agradecer.

É importante ter em conta que a interação social entre esses falantes constitui uma relação triangular, uma vez que o enunciado dos agradecimentos, além de trazer o

autor e o outro, o chamado “personagem” segundo Volóchinov (1926), o qual seria o objeto do discurso, a voz do discurso citado, garante o lugar do ouvinte, o leitor presumido, aquele responsável pela forma agradecimento do enunciado. O teórico russo assim resume tal acontecimento socioverbal:

[...] toda palavra realmente pronunciada (ou escrita conscientemente) e não adormecida no léxico é a expressão e o produto da interação social entre os três: o falante (autor), o ouvinte (leitor) e aquele (ou aquilo) sobre quem (ou sobre o quê) eles falam (o personagem) (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 128).

Assim, a dialogicidade interna do discurso epidítico em tela é vislumbrada pelos modos (responsividade e argumentação) como a autora lida com esses dois outros participantes do discurso. O discurso citado como objeto de sua voz e a perspectiva presumida do ouvinte como cúmplice de seu discurso fazem com que ela estabeleça um enunciado monológico que segue apenas as suas intenções e é moldado com a sua língua e visão, sem interferências do outro que alterem de forma substancial o discurso dela. Por esse caminho trilhado, esse discurso epidítico apela aos sentimentos do seu auditório com a aparência de expressar exaltação e gratidão para, na verdade, conquistar seu objetivo de ter a complacência desse auditório.

Considerações finais

Em conclusão, constatamos que mesmo na análise retórica, no caso do gênero epidítico, guarda uma dialogicidade interna na medida em que abriga em seu interior vozes sociais em contato que mobilizam relações dialógicas. São os processos da responsividade e da argumentação que essa dialogicidade possibilita em razão de tratar de avaliações que garantem à oradora do discurso aqui analisado o sucesso de seu propósito de convencer emocionando o auditório. Com isso, os agradecimentos escolhidos vão além de um gênero epidítico tradicional, com finalidade pura de louvor, e procuram mover o auditório do lugar da contemplação à ação ao apelar a um dogmatismo sentimental que leva ao unilateralismo ideológico.

Assim, a dialogia observada não consegue desfazer o contexto monológico do discurso retórico do gênero epidítico, visto que as relações dialógicas de concordância que são construídas nesse discurso não estabelecem realmente posicionamentos

independentes das vozes envolvidas. Ocorre uma subordinação vocal à consciência inteiriça da autora, que tudo conduz e acaba e que utiliza as vozes alheias apenas como objetos de seu intento, sem entrar em um conflito com elas que modifique a estrutura de seu discurso.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (Capes) pela concessão de bolsa de doutorado pelo financiamento deste estudo.

Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução: Manoel Alexandre Junior. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6. ed. Equipe de tradução: Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec, 2010.

BIALOSTOSKY, Don. *Mikhail Bakhtin: rhetoric, poetics, dialogics, rhetoricality*. Anderson, South Carolina: Parlor Press, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*. Tradução: Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Agradecimento em artigos científicos: o ponto de vista de pesquisadores. *Prisma.com*, n. 37, p. 55-70, 2018. ISSN: 1646-3153. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/4708/4401>. Acesso em: 21 jan. 2020.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PISTORI, Maria Helena Cruz. Retórica, argumentação e análise dialógica do discurso. *Revista Alfa*, São Paulo, v.63, n.2, p.265-293, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942019000200265. Acesso em: 13 jan. 2020.

TRAVINCAS, Amanda Costa Thomé. *A tutela jurídica da liberdade acadêmica no Brasil: a liberdade de ensinar e seus limites*. Tese (Doutorado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

VOLÓCHINOV, Valentín. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório: Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017. [1929].

VOLÓCHINOV, Valentín. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. [1926]. In: VOLÓCHINOV, Valentín. *A palavra na vida e a palavra na poesia: Ensaio, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

Anexo

AGRADECIMENTOS

Três anos depois, haveria de me lembrar daquele dia e do que João escreveu. Era maio de dois mil e quinze, cinco e quinze da manhã. O céu transmutando-se num amarelo definitivo, que emprenhava a casa já aberta. A página do Caderno dividindo o espaço no traveseiro com a geleia de amora, o café escorrendo pelas bordas: “todas essas vidas, Bia, vindas de outras igualmente precárias, e que um dia pareceram plenas, há pouco ou há muito partidas, deixaram uma marca, quase invisível, no livro dos destinos, marca que o tempo haverá de derreter com seu ácido; essas vidas todas, te agrade ou não, correm, desordenadamente, dentro de ti, Bia, não há como secar em nós o licor da história”³.

Senti uma alegria imensa por ser João. Por João não se saber ali, cúmplice daquela invenção. Por João sequer saber que havia aquela invenção e que eu existia. Com João também estiveram Lina Meruane, Diego Marani, Andrés Neuman, Raduan Nassar, Elvira Vigna, Juan Pablo Villalobos, Inês Bortagaray, Mallo, David Toscana,

³CARRASCOZA, João Anzanello. *Caderno de um ausente*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 91.

Quiroga e tantos outros. O mesmo vale para a Bethânia. É ela que, tendo diariamente feito quadrilha dos meus deveres, permite hoje a sentença: “a prudência dos sábios/nem ousou conter nos lábios/o sorriso e a paixão”.

É incomum começar assim. Eu sei. Mas também é certo que a verdadeira incitação não vem dos currículos. Acha-se ali, nas horinhas de descuido. E é sempre prudente estocá-la.

Durante um ano, em Porto Alegre, as segundas-feiras (todo dia podendo ser segunda-feira, toda segunda-feira sendo sem lei) me nutriram de uma vitalidade ímpar. Porque “a nossa casa é onde a gente está/a nossa casa é em todo lugar/a nossa casa é de carne e osso” é que este trabalho é resultado do que vivi na cozinha amorosa da Duque e na República dos cafés e tapiocas, em todo o caso com a Carlinha, a Betita, a Lê, a Ale, a Mairinha, o Seba e o Pery, de quem serei sempre devedora da generosidade e do afeto. Obrigada, amados!

É pela mesmíssima razão que anoto o tamanho de minha alegria por ter cruzado, em meados de dois mil e onze, com a Manu. É provável que apenas a partir de então eu tenha compreendido quão violento é o ensino – em sala de aula, dizer como se pensa que as coisas são pode soar inquestionável! Hoje, vendo-a ainda maior que por ocasião daquele encontro, reverencio cada uma das vezes em que ela foi incapaz de tomar por certo o que eu dizia e se dispôs a dialogar. No fim das contas, este trabalho é o que eu soube fazer de relações como essa, travadas por oportunidade da docência, e é por isso que há um pouco de cada aluno em suas linhas, de sorte que ressalto meu imenso agradecimento a todos eles, especialmente aos meus monitores e orientandos, com quem convivi(o) mais de perto.

Contudo, a docência só é possível hoje porque antes de tudo fui (e sempre serei) aluna de professores que creditaram a mim confiança sem igual. Minha gratidão maior, nesta etapa, é ao Prof. Ingo Sarlet, que, além de cuidar do processo de elaboração deste trabalho com a sua contumaz perícia, é também o principal responsável por avivar – em mim e em todos os alunos dos PPGDir da PUCRS – a vontade de pensar a Academia de maneira realmente séria. Ainda em virtude do insuspeito respeito e apoio que obtive no curso do Doutorado, agradeço aos professores Adalberto Pasqualotto, Carlos Alberto Molinaro, Eugênio Facchini e Thadeu Weber, por tão carinhosamente me receberem em suas aulas e em tantas outras ocasiões em que deles precisei para a composição da tese.

Mas minha dívida é porventura maior com quem apoiou (quando não parecia razoável fazê-lo) o início deste projeto e resistiu (por vezes mais que eu mesma) às incontáveis intercorrências que naturalmente se dão durante mais de três anos na vida de qualquer um, sempre me oferecendo, em contrapartida, um afeto inusitado. Daí o registro do meu melhor e maior sorriso à minha mãe, Telma, ao meu pai, Mauro, e à mocinha que me ensinou como se curam feridas com leite de mamão (risos), Ilza. E porque família a gente escolhe (sim!), agradeço particularmente à Fernanda (minha irmã mais velha), à Dinda (pela acolhida e companhia nos cursos de inverno, em janeiro de 2015), à Cleris (pela força quando eu não sabia por onde começar), à Raquel (pelas comidinhas de mãe aos domingos), à Aninha e à Vanesca (pelos deliciosos cafezinhos no Mercado Público de Porto Alegre), à Dani (pelo reencontro e pela literatura), ao Dani (pelas risadas – e foram muitas!) e ao Ney (meu irmão mais velho – para poupar a

paternidade prematura, risos -, que há dez anos atrás dava confiança aos meus primeiros desejos profissionais, e nunca mais deixou de fazê-lo).

Ainda destaco o suporte que me foi ofertado pela Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB) durante todo o período de doutoramento, bem como ressalto a condição de verdadeira plataforma de aprendizado que é a Instituição na minha formação profissional. No mais, sou grata especialmente ao Arnaldo pela compreensão que teve comigo durante o período de escrita da tese.

Por fim, sublinho o apoio empregado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que me concedeu financiamento para esta pesquisa.

THE ACKNOWLEDGMENTS OF A DOCTORAL THESIS: RHETORIC AND DIALOGIC DISCOURSE ANALYSIS

ABSTRACT

This work verifies a possible approximation between rhetoric and dialogic discourse analysis, how the rhetorical genre epideictic keeps an internal dialogicity, as it houses the meeting of social voices inside. Using the *corpus* represented by the speech of the “thanks” section of a Brazilian doctoral thesis awarded by Capes in 2017, we contemplate Bakhtinian and Aristotelian studies. In this way, it appears that this discourse, although it fits into the epideictic genre, having a function of praise or censorship, a basic characteristic of this genre according to Aristotle, innovates and goes further by supporting itself in dialogism, to move the audience of the place of contemplation to action, something that is only possible due to the dialogical relations that this discourse establishes.

Keywords: Rhetoric. Epideictic Genre. Dialogic Discourse Analysis. Thesis. Acknowledgements.

Envio: março/2021
Aceito para publicação: maio/2021